

UMA ANÁLISE DO CONCEITO ANTROPOLÓGICO DO “OUTRO” NA OBRA DO ESCRITOR AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR¹

Edgar Indalecio Smaniotto

Licenciado em filosofia, mestre em Ciências Sociais e doutorando do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP – FFC / Marília. Contato:

edgarsmaniotto@gmail.com.

Orientadora: Professora Dr.^a Christina de Rezende Rubim

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP – FFC / Marília.

Resumo

Procuramos discutir o pensamento do escritor Augusto Emílio Zaluar a respeito da dificuldade que o antropólogo encontra para sair do mundo do “outro”. Essa discussão é feita por Zaluar no decorrer da trama do livro *O Dr. Benignus*, sendo representada pelo personagem Willian River. A partir do mesmo texto do autor, discutiremos também suas idéias sobre a origem do homem americano, pois ao tentar provar a origem do homem no continente americano (no Brasil) e sua posterior migração para outros continentes, ele busca justamente tornar este “outro”, que é o nativo da América, parte integrante da sociedade brasileira, e dar ao Brasil um papel de destaque como berço da humanidade.

Palavras chave: outro, prefiguração, monogenismo.

INTRODUÇÃO:

Augusto Emílio Zaluar nasceu em Lisboa em 14 de fevereiro de 1826, filho de José de Oliveira Zaluar, major graduado, que servira de comissário pagador da divisão dos Voluntários Reais de El-Rei, na campanha do Rio do Prata, antes da Independência do Brasil. Augusto Emílio Zaluar matriculou-se no 1º ano da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, disposto a seguir esses estudos, mas acaba por descobrir-se mais apto à literatura.

Colaborou com diversos jornais de Lisboa e algumas revistas, entre elas *Epoche*, *Jardim das Damas*, *Revista Popular* e outras publicações daquele tempo, principalmente com poemas. Já em 1846 publica um folheto intitulado *Poesias, primeira parte*². Mas não encontrou nos meios literários rendimentos que lhe possibilitassem se sustentar.

Decidiu assim, vir para o Brasil, chegando no Rio de Janeiro a 3 de janeiro de 1850. Tratou logo de tentar viver de meios puramente literários e jornalísticos. Fez parte das

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho (2008), Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Poesias**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1846.

redações do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro*; e em Santos, da *Civilização*. Em 1856 naturalizou-se brasileiro.³

Além das atividades de articulista e redator, Zaluar viria a se dedicar a traduções de obras literárias para os folhetins da época. Traduziu *Os moicanos de Paris* para o *Correio Mercantil*. Além da atividade jornalística, Zaluar se dedicou intensamente à poesia.

Em 1851, publica *Dores e Flores*⁴, que teria sua continuação publicada em 1862, com o título de *Revelações*⁵. Mas também publicou um livro de contos⁶. Fez apreciações críticas para outros autores, como Joaquim Inácio Alvares de Azevedo⁷, um poema em homenagem a Pedro II⁸, e uma peça de teatro⁹.

Zaluar era um homem profundamente interessado em ciências naturais e físicas, principalmente em astronomia; havia começado sua carreira como médico. Publicou obras sobre diversos temas, como biografia, seja em obra própria¹⁰, ou em parceria¹¹, e também obras de caráter didático¹², afinal era Lente em pedagogia da Escola Normal.

Mas seria uma obra sua dedicada à ciência e à tecnologia¹³, assuntos de vital importância para Zaluar, que lhe renderia o mérito de entrar para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (I H G B).

Como viajante, Augusto Emilio Zaluar escreveu a sua *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)*¹⁴, um relato de viagem, tão comum no século XIX, com uma leve

³ Informações retiradas do: **Portugal – Dicionário Histórico**, transcrito por Manuel Amaral, disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/zaluar.html>, acesso em 22/06/2004.

⁴ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Dores e flores**. Rio de Janeiro: Typ. De F. de Paula Brito, 1851.

⁵ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Revelações**. Rio de Janeiro-Paris: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

⁶ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Contos da Roça**. Rio de Janeiro : Typographia do Diario do Rio de Janeiro, 1868.

⁷ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: Azevedo, Joaquim Inácio Alvares de. **Poesias**. Rio de Janeiro Typ. Universal de Laemmert 1872. Apreciações críticas de: Augusto Emílio Zaluar. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. José Maria Velho da Silva.

⁸ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Os Rios. A S.M. Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo**. [S.l: s.n, s.d.] 6p. 22cm.

⁹ Esta peça chama-se “**O cofre da tartaruga**”, uma conversação em um ato, de 1865.

¹⁰ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Emília Adelaide**. Rio de Janeiro, Typ. do Diário de Rio de Janeiro, 1871.

¹¹ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: CASTRO, Eduardo de Sá Pereira de. ZALUAR, Augusto Emílio. **Os Heróis brasileiros na campanha do sul em 1865**. Rio de Janeiro: Typ. Pinheiro & Comp. 1865.

¹² Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Lições das cousas animadas e inanimadas; modelos e assumptos de exercicios oraes e por escripto para os meninos de 5 a 8 annos, imitação, para uso das escolas primarias 3. ed.** Rio de Janeiro, Liv. classica de Alves & comp., 1893.

¹³ Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Exposição Nacional Brasileira de 1875**. Rio de Janeiro : Typ. do Globo, 1875.

diferença em relação a seus contemporâneos. Enquanto grande parte dos viajantes, principalmente estrangeiros, estava preocupada em catalogar a natureza brasileira, Zaluar, realizava sua viagem a fim de catalogar os elementos civilizadores desta nação, por isso ela transcorreu nas províncias do Rio de Janeiro e principalmente na de São Paulo, onde começavam a surgir cidades de médio porte, alguma indústria e estradas de ferro, devido principalmente à cultura cafeeira.

Zaluar escreveu também o primeiro romance científico brasileiro “O Dr. Benignus”¹⁵, que pretendia ser “*um transunto das idéias de seu tempo*” (ZALUAR, 1994, p. 28), ao mesmo tempo em que pretende contribuir para o que o próprio autor denomina de pesquisa antropológica, no caso provar que o homem teve sua origem no território brasileiro.

Além desta discussão anunciada (pelo próprio autor) sobre a origem do homem americano, podemos verificar no O Dr. Benignus uma pré-figuração sobre as possíveis dificuldades que o antropólogo teria em seu trabalho de campo. Sendo estes dois temas, tratados pelo autor, o foco do presente texto.

1. Uma pré – figuração do trabalho de campo na antropologia.

No decorrer do *Doutor Benignus*, somos apresentados ao personagem William River¹⁶, um “antropólogo”¹⁷. Este, de origem inglesa, passou cerca de 9 meses entre os povos indígenas de Goiás, para então redigir uma monografia.

Em outras palavras William River estava realizando um trabalho de campo, que seria a fase primordial da investigação etnográfica. Alba Zaluar (1994), reconhece ser esta uma proposição avançada, “*basta lembrarmos que as primeiras expedições para realizar um longo trabalho de campo deram-se na virada do século*” (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374).

Alba Zaluar se refere aqui à coleta de materiais etnográficos feita por Frans Boas por ocasião de uma missão geográfica à Terra de Bafim, em 1887. Seguida por uma expedição

¹⁴ Esta obra teve uma republicação relativamente recente, 1975, que ainda está disponível: **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)**. São Paulo: Ed. Itatiaia, USP, 1975.

¹⁵ **O Dr. Benignus**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. Edição crítica, com várias introduções e uma explicação técnica quanto aos critérios de modernização da linguagem, e feita a partir da edição em livros, em dois volumes, de 1875. Há indicações que o romance teve uma edição anterior em forma de folhetim, fato comum na época, contidas na seção “Ao Leitor” (p. 27): “Agradeço cordialmente à ilustrada redação do O GLOBO a benevolência com que acolheu o meu trabalho, que hoje principio a publicar..”.

¹⁶ Este personagem é puramente fictício, não tendo qualquer relação com o antropólogo e fisiologista inglês W. H. R. Rivers, fundador da escola de psicologia experimental de Cambridge. Criador de um método de registrar parentesco, entre outras contribuições técnicas à antropologia, Rivers propagava a necessidade de encarar uma cultura ou sociedade como um todo integrado (MERCIER, 1986, p. 109).

¹⁷ Usamos aqui o termo antropólogo, com o objetivo de designar o personagem Willian River. Sabemos que até então esta área das ciências humanas não tinha-se constituído, mas uma vez que o personagem apresenta comportamentos que viriam a serem adotados pelos antropólogos (como passar meses entre os Caiapós antes de escrever sua monografia), e Zaluar o designa como tal, usaremos este termo para referirmos a este.

zoológica ao estreito de Torres, em 1888, com a presença de A. C. Haddon. Foi também em 1894 que B. Spencer e F. J. Gillen recolheram dados por ocasião de uma viagem de estudos zoológicos na Austrália (MERCIER, 1986, p. 75).

Para Velasco e Rada (1997), o trabalho de campo é o período dedicado à compilação e ao registro de dados, sendo mais do que uma técnica. Trata-se de uma situação metodológica e também um processo em si mesmo, uma sequência de ações, de comportamentos e de acontecimentos, cujo objetivo é redigir uma monografia.

O primeiro trabalho de campo a se enquadrar nesta definição teria sido, segundo os autores, aquele realizado por Bronislaw Malinowski (1978), em seu trabalho de campo nas ilhas Trobriand, nos anos de 1917-1918.

A introdução de “Argonautas do Pacífico Ocidental”, pode mesmo ser considerada a carta fundacional do trabalho de campo antropológico. Versando, como podemos identificar em seu título, sobre o *Tema, método e objetivo da pesquisa*.

É nesta introdução que Malinowski, propõe que se façam diários de campo: “*o diário etnográfico, feito sistematicamente no curso dos trabalhos num distrito, é o instrumento ideal para este tipo de estudo*” (p. 31), e os princípios metodológicos que vão nortear sua pesquisa:

... em primeiro lugar é lógico que o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência (MALINOWSKI, 1978, p. 20).

Seguindo a leitura de Alba Zaluar, de que Zaluar teria realizado uma “*profecia do método etnográfico que se cumpriu no século seguinte*” (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374), podemos verificar que as propostas metodológicas inseridas por Bronislaw Malinowski, encontram-se de certa forma esboçadas na ficção de Zaluar. Não significa que Zaluar tenha sido um profeta ou mesmo realizado um trabalho antropológico de envergadura que mais tarde foi esquecido por historiadores da antropologia. Na verdade Zaluar, assim como o romancista francês Júlio Verne, procurava fazer extensas leituras da área de conhecimento de que iria tratar¹⁸.

No decorrer do romance Augusto Emílio Zaluar, assim como Júlio Verne, busca apresentar aos seus leitores os conhecimentos científicos de sua época a respeito disciplina

¹⁸ No caso específico da antropologia Zaluar cita os seguintes nomes no decorrer do texto: Quatrefages, Pierre-Paul Broca, Charles Robert Darwin, Alexander von Humboldt, Édourd Arnaud Isidore Hippolyte, François Lenormant, Peter Wilhen Lund, Couto de Magalhães, Boucher de Perthes, entre outros. Verificamos vasta leitura da disciplina.

que trata, conseguindo propor certas especulações acerca do desenvolvimento futuro da mesma. Por vezes algumas de suas asserções poderiam se verificar plausíveis, parece ser o caso de suas idéias sobre o nascente campo da antropologia.

Zaluar fala (durante a narrativa de *O Dr. Benignus*) da necessidade de coletar, sempre buscando expor suas idéias de que o cientista (por vezes ele usa o termo antropólogo), deve anotar suas observações e recolher objetos a fim de poder melhor estudar os povos indígenas quando retornar ao mundo civilizado.

Ele é taxativo ao acusar os viajantes, que percorreram o interior do Brasil, de serem muito pouco escrupulosos na exposição de fatos e na decifração de documentos, trazendo enormes enganos à ciência devido à sua leviandade ao trabalhar ao sabor da aventura mais do que com a exploração científica.

É interessante salientarmos que no decorrer do romance, *O Dr. Benignus*, personagem principal, vai coletando material, tanto de cunho arqueológico, quanto de cunho antropológico ao fazer contato com povos nativos. A expedição fictícia de Benignus não era muito diferente daquelas que ele criticava.

Há uma certa tensão no romance, entre o Dr. Benignus e William River. O primeiro comanda uma expedição à moda antiga, dos viajantes, e o segundo, até por força dos acontecimentos relatados no romance, parece apontar para uma pesquisa mais cuidadosa e em contato direto com os nativos.

Existiria então uma tensão, acreditamos intencional, já verificada por Zaluar. No texto “Poder e Diálogo na Etnografia: A iniciação de Marcel Griaule”, de James Clifford (1998), apesar de não tomarmos conhecimento de fontes primárias, verificamos na *Missão Dakar-Djibout*, que atravessou em vinte e um meses a África, do Atlântico ao Mar Vermelho, certa similaridade com a tensão exposta por Zaluar.

Clifford relata que Marcel Griaule era um aviador da Força Aérea francesa, que tinha interesse em expedições. Pelo relato de Clifford, podemos inferir que Griaule não estava tão distante do viajante aventureiro do século XIX. Sua expedição não era solitária como a de Malinowski; ao contrário, levava consigo vários assistentes, chegou mesmo a pensar em projetar um barco-laboratório-de-pesquisa, para uso no rio Níger. Também buscava realizar de forma intensiva a coleta de artefatos de uma área.

Para Clifford (1998), “a noção de que a etnografia era um processo de coleta dominou a *Missão Dakar-Djibout*, com sua ênfase museográfica” (p.193), mas o mesmo autor também nos informa que Griaule fazia pesquisas intensivas, tendo ficado durante quase

três anos, em cerca de dez expedições diferentes, entre os dogon¹⁹. Fizemos esta citação a fim de salientar que a mesma tensão entre o relato de viagem e a moderna antropologia poderia ser verificada ainda na primeira metade do século vinte, em um dos maiores expoentes da antropologia francesa.

Apesar de se mostrar bastante preocupado com o aprimoramento da pesquisa “antropológica”, Zaluar era um homem de sua época. Geertz (2002), relata que a antropologia nasce no seio da expansão imperialista do ocidente, trazendo consigo uma crença salvacionista nos poderes da ciência.

Zaluar estava impregnado desta visão de mundo, com uma única diferença: os nativos ao qual Zaluar se referia são parte constitutiva da mesma metrópole que ele. O mesmo dilema foi enfrentado por outros escritores brasileiros, entre eles Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães.

Todos estes homens do século XIX, os românticos, se apropriaram do índio em seu imaginário. Segundo Jobim (1998):

o nosso romantismo elegerá o índio como seu herói, entre outras coisas porque este podia ser representado como o nativo legítimo do Brasil – aquele que desde sempre aqui viveu, e que lutou heroicamente contra os colonizadores estrangeiros. Nada melhor para um movimento literário nacionalista do que um herói que pode ser apresentado como legítimo produto da nossa terra (p. 36).

Estes escritores pretendiam tratar epicamente o nativo americano e sua natureza. Zaluar, também um escritor romântico, não deixou de enaltecer o indígena, mas pretendeu sobretudo torná-lo parte da sociedade civilizada. Em seu romance, o Doutor Benignus almejava fundar uma colônia agrícola e industrial na ilha de Santana:

Jaime River e os filhos do Dr. Benignus preparam-se com estudos racionais e práticos para serem um dia grandes proprietários agrícolas na colônia da ilha de Santana, sonho dourado do sábio Benignus e seus amigos, pois querem fazer representar ali todas as nações principais, atraindo à civilização pela santa comunhão do trabalho, as raças ainda mergulhadas na indolência e no barbarismo (Zaluar. 1994, p. 346).

Mesmo demonstrando apreço pela pesquisa científica e respeito à cultura destes povos, Zaluar não deixa de enxergá-los estes como bárbaros indolentes a serem transformados em cidadãos úteis ao Império do Brasil.

Zaluar, afinal, não estava escrevendo, de um modo geral, sobre povos coloniais para uma metrópole além do Atlântico. Aqui os povos nativos são, ainda que marginalizados, parte da metrópole. Portanto devem trabalhar por ela.

¹⁹ Sociedade Africana pesquisada por Criaule.

2. Monogenismo e Poligenismo.

Augusto Emílio Zaluar trabalha também no decorrer do romance *O Dr. Benignus* algumas questões que na época eram comuns ao então nascente campo da antropologia, e que hoje identificamos como parte da antropologia física ou paleoantropologia.

As questões colocadas por Zaluar são: Qual a origem das sociedades indígenas? Os indígenas seriam autóctones ou teriam imigrado de um outro continente? Ao levantar estas questões para, ao respondê-las, tentar provar a origem do homem no continente americano (no Brasil), e sua posterior migração para outros continentes, ele busca justamente tornar este “outro”, que é o nativo da América, parte integrante da sociedade brasileira.

Para responder a estas questões, Zaluar se envolveu no debate existente entre duas correntes distintas de pensamento: poligenismo e monogenismo. Dominante até meados do século XIX, a corrente monogenista baseava-se na idéia de uma humanidade una, sendo as diferenças fruto de uma maior ou menor degeneração da raça humana. Já os poligenistas, que marcam os finais do século XIX, pressupõem vários centros de criação, justificando assim as diferenças raciais observáveis.

O debate entre poligenistas e monogenistas acerca da origem do homem é um tema importante para Augusto Emílio Zaluar. Salienta Alba Zaluar (1994):

Na viagem fantástica de Augusto, o primeiro mistério a ser desvendado não é a riqueza escondida na floresta, mas a própria existência do homem no planeta Terra. E a resposta poderia estar nas grutas e fósseis da antiga Minas Gerais. O mistério é, pois, o próprio homem que já adquiriu a capacidade de, por uma antropologia científica – evolucionista e positivista – descobrir a sua origem (ZALUAR, Alba, *América Redescoberta: O civilizado cientista e seus outros*, p. 371).

O Dr. Benignus, no decorrer do romance, busca provar aos personagens secundários da trama a verdadeira origem do homem e dos povos nativos do Brasil. Para tal, recorre às pesquisas de Peter Wilhelm Lund (1801-1880), pai da paleontologia brasileira, estudioso da botânica e da zoologia.

Lund estudou as grutas de uma cadeia de montanhas de rochas calcárias da serra do Espinhaço (MG), recolheu material, principalmente 30 esqueletos humanos na gruta do Sumidoro, estes “*remanescentes ósseos humanos de Lagoa Santa estavam destinados a impactar de forma indelével o estudo da presença dos humanos no continente americano e a própria história dos estudos evolutivos humanos*” (NEVES e ATUI, 2004, p. 160).

Lund (1844) encontrou esses ossos misturados aos dos animais, e segundo ele todos depositados aproximadamente na mesma época, e associados à megafauna extinta, sugerindo

a presença do homem no Novo Mundo pelo menos a partir do final do Plesistoceno. Atualmente, sabe-se que os esqueletos fósseis descobertos por Lund “*estão inseridos numa faixa cronológica entre aproximadamente 11 e 8 mil anos antes do presente, e a maioria está compreendida entre 8,5 e 8 mil anos*” (NEVES e ATUI, 2004, p. 176).

Zaluar dedica um capítulo inteiro de *O Dr. Benignus* a Lund, o capítulo XV, que recebe o título de “*O Dr. Lund*”. Ao iniciar seus comentários, através do personagem Dr. Benignus, Zaluar diz ter lido as obras originais do Dr. Lund, provavelmente em dinamarquês, e também suas cartas publicadas na Revista do IHGB²⁰. Transcreve alguns trechos dessas cartas.

Para Zaluar, as descobertas de Lund são uma prova clara de que “*a existência do homem neste continente remonta-se aos tempos anteriores à época em que existiram as últimas raças dos animais gigantes, isto é, às idades pré-históricas*” (ZALUAR, 2004, p. 136).

Zaluar continua argumentando, usando sempre citações dos escritos de Lund, até que chega à conclusão de que o homem americano é o mais antigo do mundo, e o continente americano teria sido o primeiro continente a emergir em meio aos oceanos.

Termina por fim o infatigável naturalista (Lund), depois de um estudo sobre a unidade ou diversidade das raças e de profundas observações sobre a configuração geológica desta parte do continente americano, em toda a grande chapada, desde a serra do Mar até as cordilheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos maiores rios do mundo, provando que esta região já se achava elevada acima do mar ‘ou (Zaluar agora citando Lund) que já existia como um continente a parte central do Brasil, quando as demais partes do mundo ainda submergidas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas ilhas insignificantes, tocando assim ao Brasil o título de ser o mais antigo continente do nosso planeta’ (ZALUAR, 2004, p. 164).

Pretende Zaluar, através da ciência, provar a origem do homem no continente americano (no Brasil), e daí sua posterior migração para outros continentes. A teoria monogenista do homem americano afirmada por Lund é, assim, difundida por Zaluar. Entretanto, esta teoria não tem em Lund seu único defensor, tendo em Luiz Agassiz²¹ seu internacionalmente mais popular defensor e teórico.

²⁰ Ver: LUND, P. W. Carta escripta da Lagoa Santa ao senhor secretário do Instituto. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1842, vol. 4: 30-87. E também: LUND, P. W. Carta escripta de Lagoa Santa a 21 de abril de 1844. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1844, vol. 6: 334-342.

²¹ Jean-Louis-Rodolphe Agassiz (1807 - 1873), médico naturalista, zoólogo, geólogo e paleontólogo suíço nascido em Mötier, um dos *sistematizadores* do estudo da história natural nos EUA. Educado em Zurique, estudou medicina nas universidades de Heidelberg (1824-1828), em Erlangen (1829), onde se doutorou em filosofia, e Munique (1830), doutorando-se em medicina. Pesquisou peixes e moluscos fósseis. Posteriormente dedicou-se ao estudo do movimento, da estrutura e da história das geleiras. Apaixonado pela ictiologia esteve no Brasil (1865-1866), chefiando uma expedição que viajou por todo o norte, nordeste e Minas Gerais, pesquisando e catalogando os peixes brasileiros, principalmente da bacia amazônica. Do seu interesse pelo Brasil escreveu 29

Agassiz estava determinado a refutar a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin (1809-1882). O que Agassiz mais repudiava era o fato de a teoria da evolução das espécies ser monogenista. Para Agassiz era impensável que brancos, ameríndios e negros poderiam ser membros da mesma espécie. No ensaio “Observação sobre as raças²²”, ele faz a seguinte observação:

Logo, no que diz respeito ao produto, as raças humanas se acham, umas em relação às outras, na mesma relação que as espécies animais entre si e a palavra raças, na significação atual, deverá ser abandonada quando o número das espécies humanas for definitivamente determinado e quando os verdadeiros caracteres dessas espécies houverem sido nitidamente estabelecidos. Por mim, julgo estar demonstrado que, a não ser que se prove que as diferenças existentes entre as raças índia, negra e branca são instáveis e passageiras, não se pode, sem estar em desacordo com os fatos, afirmar a comunidade de origem para todas as variedades humanas. (AGASSIZ, 1975, p. 183-184).

Stephen Jay Gould publicou um trecho de uma carta de Agassiz bastante revelador do porquê de sua luta contra a origem monogenista do homem:

Foi em Filadélfia que estive pela primeira vez em contato prolongado com os negros; todos os empregados de meu hotel eram homens de cor. Mal posso lhe expressar a dolorosa impressão que experimentei, particularmente porque a sensação que eles me inspiram vai contra todas nossas idéias a respeito da confraternização de todos os tipos de homem e da origem única de nossa espécie. Mas a verdade deve estar acima de tudo. Não obstante, senti piedade à vista dessa raça degradada e degenerada, e tive compaixão pelo seu destino ao pensar que se tratava realmente de homens. Contudo, é-me impossível reprimir a impressão de que eles são feitos do mesmo sangue que nós.²³

O contato de Darwin com os negros escravizados no Brasil, no ano de 1832, durante sua famosa volta ao mundo no *Beagle*, não poderia ser mais oposta:

É impossível ver um negro sem sentir simpatia por ele, por sua expressão alegre, honesta e franca, por seus corpos de bela musculatura... [continua Darwin]... antes que eu pudesse esboçar qualquer reação, vi um garoto com seis ou sete anos ser golpeado na cabeça três vezes com um chicote, só por ter-me servido água num copo que não estava totalmente limpo. Percebi o pai do menino tremer a um simples olhar de seu senhor ... [mais tarde dá seu veredito] ... queira Deus que jamais volte a pôr os pés num país escravocrata.²⁴

obras sobre o país, envolvendo assuntos tais como fauna, geologia, geografia, além de histórias e relatos de suas aventuras, como em *A Journey in Brazil* (1868) considerado um valioso relato sobre a vida e os costumes brasileiros da época.

²² In: AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil** (1865-1866)., 1975. p. 181-185.

²³ *Apud* GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 32-33.

²⁴ *Apud* FEGUEIREDO, Cláudio. **A ciência dos opostos**. Revista Nossa História. Editora Vera Cruz. Ano 3, nº27, janeiro de 2006, p. 52-56.

Augusto Emílio Zaluar conhece a obra de ambos. Tanto Agassiz quanto Darwin são citados no *O Dr. Benignus*, mas ele se inclina a uma defesa das teses de Darwin, o que em si só representa uma posição bastante distinta de seus contemporâneos. Agassiz veio ao Brasil tentar provar que os peixes não possuíam uma origem comum. Se conseguisse, poderia generalizar suas observações a outras espécies animais, inclusive ao homem. Também queria verificar a existência de sucessivas glaciações, um total de 27, o que provaria sua hipótese de cataclismos seguidos de criações sucessivas, dando uma explicação científica, não-evolucionista à enorme variedade de fósseis.²⁵

O imperador D. Pedro II que em suas cartas inteirava que “*a doutrina da evolução é muito decepcionante, embora se apoie sobre muitos fatos*”²⁶, afirmando que “*continuo a crer que o primeiro homem não foi negro, nem descendente de macaco. Eu repetiria com o autor que vale mais a ignorância do que a ilusão da ciência*”²⁷, deu sua aprovação, amizade e entusiástica ajuda a expedição de Agassiz. E pelo teor de suas cartas, nunca mudou de posição.

A predominância do pensamento poligenista no Brasil é afirmada por Schwarcz:

Adeptos, em sua maior parte, dos modelos poligenistas de análise – que entendiam as raças como fenômenos essenciais e ontológicos resultantes de centros de criação diversos – esses teóricos de museus concluíram não só que ‘(...) a evolução encontrada na natureza era exatamente igual àquela esperada para os homens (...)’, mas supunha, que “(...) os grupos inferiores constituíam barreiras frente ao progresso da civilização” (Boletim do Museu Paraense, 1895: 16).²⁸

E também por Lopes (2001):

Os diretores de museus brasileiros e argentinos compartilharam uma mesma fé inabalável nas ciências que eram garantia do progresso, e se dedicaram à missão científica e civilizadora que lhes cabia: recolher nos museus os testemunhos arqueológicos da cultura dos povos primitivos ... para os estudos comparativos que pudessem esclarecer as questões fundamentais da origem e do futuro da espécie humana, que do Amazonas ao Prata todo esperavam encontrar na América (p. 69).

²⁵ Ver: AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil** (1865-1866). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia / São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1975. Principalmente páginas 26, 27 e 28, e 40, 41 e 42.

²⁶ Carta de Pedro II a Quatrefages em 14 de dezembro de 1886 *apud* DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol. SÁ, Magali Romero. Controvérsias Evolucionista no Brasil do Século XIX. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

²⁷ Carta de Pedro II a Quatrefages em 17 de abril de 1891 *apud*. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol. SÁ, Magali Romero. Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

²⁸ SCHWARCZ. O Espectáculo da Miscigenação. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 165-180.

Em meio ao debate, Zaluar iria defender sistematicamente a posição darwinista, e salvo engano nosso, *O Dr. Benignus* é a primeira obra de literatura brasileira a apresentar posições tão claramente favoráveis à teoria da evolução das espécies. Levando-se em consideração a publicação deste primeiramente em folhetins, que eram lidos por todo o público letrado de então, seu caráter de divulgação não deve ser desprezado.

Zaluar inicia a primeira página do primeiro capítulo de *O Dr. Benignus*, com uma referência a Darwin, dizendo que o homem moral é um verdadeiro produto da seleção das espécies (ZALUAR, 2004). Assim haverá diversas referências indiretas à teoria da evolução, até que durante uma caçada, os homens que acompanham Benignus matam um orangotango para o jantar. Katine, o cozinheiro de Benignus, se recusa a cozinhar aquele que pode ser um de seus antepassados em linha transversal (sic.).

Em outro momento, o personagem Dr. Benignus informa a seu cozinheiro, que não há estudo mais importante a um antropólogo que o de revelar ao mundo a evolução das espécies. O cozinheiro não se impressiona, dizendo ao cientista que já havia resolvido o problema, pois havia descoberto o elo entre homem e macaco (Zaluar, 1994, p. 278-281).

Tal descoberta não se sustenta, devido aos poucos conhecimentos científicos que possuía. Katine havia se enganado em suas observações acerca de um indivíduo que se revelara um humano contemporâneo. Ainda assim, Benignus se recusa de não poder estudar melhor os nativos que encontra.

Quisera o Dr. Benignus estudar por essa ocasião o verdadeiro lugar que compete ao homem selvagem americano na série desigual da família humana sobre o nosso planeta e assim resolver importantes problemas psicológicos e fisiológicos em relação à doutrina transformista (como também era conhecida a teoria da evolução), que tanto terreno vai ganhando entre os primeiros naturalistas contemporâneos (ZALUAR, 2004, p. 310).

Zaluar faz referência à crescente influência do darwinismo entre os naturalistas, influência essa que podemos verificar em dois artigos de autores distintos. O primeiro em 1873, dois anos antes da publicação do *O Dr. Benignus* e o segundo em 1876, um ano após a sua publicação.

José Vieira Couto de Magalhães, em seu *Ensaio de Antropologia* (1873), afirma que “(...) a antropologia demonstra que o homem físico passou sempre dum período mais atrasado para um mais adiantado (...)” (p. 408). Em *Relíquias de uma Grande Tribo Extinta*, Antônio Manoel Gonçalves Tocantins nos relata que

Alguns artefactos cerâmicos que ahi sido descobertos, e outros que ainda existem enterrados, são, por assim dizer, as únicas relíquias que restam d’esta tribo, hoje totalmente extinta. Porém considerações de alto valor prendem os productos

Estas observações de dois importantes pesquisadores brasileiros evidenciam a influência cada vez maior do evolucionismo no Brasil da segunda metade do século XIX. Zaluar era leitor da obra de Magalhães, que é citado nos capítulos VII, XVIII, XXIX E XXXII. Mas não encontramos referências diretas ou indiretas a Johann Friedrich Theodor Muller, que era na época o intelectual com maior conhecimento de Darwin no Brasil e que deu uma contribuição original à teoria da evolução das espécies²⁹.

Identificada a clara influência que o darwinismo exercia em Augusto Emílio Zaluar, voltaremos à questão da origem do homem. Já salientamos que Agassiz defendia a teoria poligenista, pois assim poderia justificar que ameríndios, brancos e negros (ele não cita os povos orientais) seriam espécies diferentes, pois juntamente com Broca (SAGAN, 1985), Agassiz acreditava que teria havido diversos focos das chamadas hominizações. Estes cientistas se denominavam autoctonistas, pois defendiam a origem do homem americano no continente americano, o europeu no continente europeu etc. Assim, a posição poligenista era também autoctonista.

Os darwinistas defendiam a teoria monogenista da origem do homem a partir do continente africano. Portanto não eram autoctonistas, defendendo um único ponto de origem para a espécie humana. Lund foi um poligenista e autoctonista, entretanto Zaluar usava a teoria de Lund, que teoricamente deveria estar associada ao poligenismo de Agassiz, a partir de uma leitura darwinista. Para Zaluar, a origem do homem se deu em um único lugar (monogenismo), seguindo daí o processo de evolução estipulado por Darwin.

Mas Zaluar, conhecedor das pesquisas de Lund, chegou a conclusão de que a origem do homem se deu na América, no Brasil, particularmente na região de Lagoa Santa (autoctonismo). Assim, Zaluar não apenas se colocou como defensor da hipótese darwinista, mas logrou comprovar esta através das pesquisas de Lund (que ele tanto admirava), e por fim colocar o Brasil como a origem da raça humana. Temos, então, uma teoria monogenista autoctonista.

²⁹ Johann Friedrich Theodor Muller era conhecido como Fritz Muller, imigrante alemão que habitava a pequena cidade de Desterro (hoje Florianópolis), no sul do país, província de Santa Catarina. Publicou em 1864 o livro *Fur Darwin*, no qual demonstrou, a partir de estudos embriológicos em crustáceos, a teoria de Darwin. Fritz Muller descobriu a forma larval náuplio nos crustáceos superiores (malacóstracos), que era atribuída apenas aos inferiores (entomóstracos), mostrando, assim, que durante o estágio embriológico os crustáceos superiores passavam primeiramente pelo estágio de larva náuplio. A seleção darwiniana, aos olhos de Fritz Muller, explicava claramente o fato. Darwin leu a obra de Muller em 1865, trocando correspondência com este até sua morte, e por sua encomenda o livro de Muller foi traduzido para o Inglês, tornando-se alvo de debates em toda a academia europeia. Ver: PAPAVERO, Nelson. **Fritz Muller e a comprovação da Teoria de Darwin**. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 29-44.

O romantismo brasileiro elegeu o índio como seu herói, um produto legítimo de nossa terra, agora imagine se este legítimo produto de nossa terra fosse na verdade a origem de todos os homens. Tal perspectiva legitimaria o Brasil como berço da humanidade, portanto o Éden de todos os povos, e já que o Éden não é apenas uma representação de um passado mítico, mas a representação também de uma utopia futura melhor para a humanidade, o monogenismo autoctonista de Zaluar justificaria o mito do Brasil como país do futuro.

Zaluar não estava sozinho na elaboração de um monogenismo autoctonista. Ladislau de Souza Mello e Netto, diante da hipótese da origem do homem americano via Estreito de Behring, colocava a seguinte questão:

Seriam tais entidades [os índios americanos] a primeira forma plástica – o blastoderma psicológico da individualidade humana – ou representariam pelo contrário o embrutecimento atávico de ascendências mais perfeitas? (NETTO, Ao leitor, p. iii)

E a respondeu, invertendo o argumento: ao invés de um prolongamento do homem e da cultura do velho mundo, o homem americano seria sua origem:

Sim, há mais de três séculos que as auras da liberdade perpassam mudas nas franças do basto arvoredo, donde outrora se erguiam as canções docemente moduladas ao ritmo melancólico das morenas filhas da raça tupi. Há mais de três séculos que, uma a uma, se tem apagado as nobres feições morais e físicas do povo americano, que, se não foi tronco, tudo nos faz crer que ramo colateral deverá ter sido das mais antigas fontes da humanidade nas altiplanuras da Ásia. Se pelas afinidades glóticas o Quichua afigura-se, no ver e no sentir de alguns linguistas, ser o produto da corrupção militar de alguma língua irmã do Sânscrito, porque se não há de supor ao invés dessa hipótese, ser o Sânscrito, ao contrário, alguma profunda alteração das fontes do antiquíssimo falar dos homens primitivos dos Andes? (NETTO, Discurso Inaugural da Exposição Antropológica, p. 78 – grifo nosso)

O argumento de Netto procurou colocar a América em posição de origem do homem e da cultura, tendo sido o tronco no qual teve origem a humanidade. Mas Netto também deixou em aberto a possibilidade de uma origem poligenista da raça humana. Assim, se o homem americano não representa a origem da humanidade, é pelo menos um de seus ramos (um de seus pontos de origem), e a América estaria pelo menos em pé de igualdade com o Velho Mundo.

Netto ainda se mostrou indeciso em afirmar uma posição poligenista autoctonista ou monogenista autoctonista. Mas admitia sobretudo que deveria ter havido uma hominização a partir do território brasileiro.

É interessante notar que na Argentina temos uma corrente similar de pensamento a partir das pesquisas do antropólogo Florentino Ameghino, cuja principal obra é “La antigüedad del hombre en el Plata” (2 vols. Paris e Buenos Aires, 1880 e 1881). Para o paleontólogo argentino, o homem teria surgido na Patagônia.

Neste território, ele salienta a descoberta, em meio a camadas terciárias não removidas, de fósseis dos homunculídios, que teriam dado origem aos hominídios. Estes teriam sofrido várias etapas evolutivas: o *Tetraprothomo argentinus*, o *Triprothomo*, o *Diprothomo*, o *Prothomo*, o *Homo Pampaeus*³⁰. Desta forma, o *homo sapiens* teria tido sua origem no *Homo Pampaeus*, que saindo da Argentina teria seguido rumo à América do Norte e posteriormente via Estreito de Behring, para a Ásia, a Europa, a África e a Austrália.

Conclusão

Hoje sabemos que a hipótese poligenista se mostrou incapaz de ser comprovada pelas descobertas paleoarqueológicas e antropológicas posteriores. Teorias como aquelas defendidas por Ameghino, Ladislau de Souza Mello e Netto, e Augusto Emílio Zaluar foram definitivamente relegadas à história da ciência.

Mas os estudos dos debates entre as teorias monogenista e poligenista ainda podem nos trazer informações valiosas sobre a história das idéias na América do Sul, particularmente no que diz respeito ao pensamento sobre o outro. Ameghino, Ladislau de Souza Mello e Netto, e Augusto Emílio Zaluar, ao postularem a origem do homem na América do Sul, e apenas nesta, estavam confrontando tanto o poligenismo autoctonista de Agassiz quanto o monogenismo de Darwin, tentando, assim, criar um monogenismo autoctonista sul americano.

Esta reversão do discurso científico europeu é uma clara tentativa destes pensadores de colocar o discurso científico brasileiro e argentino em pé de igualdade com aquele produzido pelo etnocentrismo europeu. Isso de certa forma coloca em xeque a idéia de que os cientistas sul-americanos do século XIX, tenham sido meros reprodutores do discurso europeu, ainda que eles o contraponham com um etnocentrismo sul americano.

Essa perspectiva peculiar traça uma interessante via de análise sobre as relações de dependência da intelectualidade sul-americana em relação à intelectualidade dos centros europeus e norte-americanos. Certamente a produção européia e norte-americana era lida, mas não absorvida passivamente. Ainda que frustradamente, estes pensadores tentaram construir uma ciência das diferenças entre os homens a partir do sul.

Esta ciência (monogenismo autoctonista) tornava este outro “o ameríndio” não apenas parte integrante da civilização de modelo europeia, mas seu ponto de origem. Este modelo tomava tanto o outro civilizado, “o europeu”, quanto o outro dito “selvagem”, o ameríndio

³⁰ Pesquisas posteriores realizadas por cientistas argentinos revelaram que as formações geológicas que Ameghino supôs serem terciárias eram na verdade do Pleistoceno inferior. Já os fósseis, um calote craniano do *Triprothomo*, e uma vértebra e fêmur atribuídos ao *Tetraprothomo argentinus* pertenciam a mamíferos inferiores ao do *homo sapiens sapiens* (Arthur Ramos, **Introdução à Antropologia Brasileira**, 1961).

(ambos considerados matrizes do povo brasileiro), como uma mesma raça (com suas diferenças sendo explicadas histórica e ambientalmente), estando, assim, coerentemente de acordo com a teoria da evolução das espécies, ainda que fundamentado em bases falsas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil (1865-1866)**. Trad. João Etienne Filho. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia / São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1975.

AZEVEDO, Joaquim Inácio Alvares de. **Poesias**. Rio de Janeiro Typ. Universal de Laemmert 1872. Apreciações críticas de: Augusto Emilio Zaluar. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. José Maria Velho da Silva.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CORRÊA, Mariza. **História da Antropologia no Brasil (1930-1960)/Testemunhos: Emílio Willems/Donald Pierson**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Vétice, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies – Esboço de 1842**. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

DESMOND, Adrian. MOORE James. **DARWIN: A vida de um evolucionista atormentado**. Trad. Cynthia Azevedo. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

GEERTZ, Clifford. **OBRAS E VIDAS: O antropólogo como autor**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

JOBIM, José Luís. **Indianismo Literário na Cultura do Romantismo**. Rev. Let., São Paulo, 37/38:35-48, 1994-1998.

KURY, Lorelai. **A Comissão Científica de Exploração (1859-1861): A ciência imperial e a musa cabocla**. In: HEIZER, Alda. VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001a. p. 29-54.

_____. **A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na viagem ao Brasil**. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 21, nº 41, p. 157-172, 2001b.

LUND, P. W. **Carta escripta da Lagoa Santa ao senhor secretário do Instituto**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1842, vol. 4: 30-87.

_____. **Carta escripta de Lagoa Santa a 21 de abril de 1844**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1844, vol. 6: 334-342.

- MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Ensaio de Antropologia**. RIHGB, (36): 359-516, 1873.
- _____. **O Selvagem**. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1975.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Trad. Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Pensadores).
- MERCIER, Paul. **História da Antropologia**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Teorema, 1986.
- MICELI, SERGIO. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol.2. São Paulo: Editora Sumaré, Fapesp, 1995.
- NETTO, Ladislau de Souza Mello e. **Ao leitor**. Revista da Exposição Antropológica Brasileira. Rio de Janeiro: Tipografia Pinheiro, p. iii, 1882.
- _____. **Discurso Inaugural da Exposição Antropológica**. Revista da Exposição Antropológica Brasileira. Rio de Janeiro: Tipografia Pinheiro, p. 78, 1882.
- _____. **Leitura pelo Dr. Ladislau Netto sobre a inscrição Fenícia**. T. 36. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: 1873.
- _____. **Apontamentos sobre os Tembetás da Coleção Arqueológica do Museu Nacional**. Arquivos do Museu Nacional, (2). 105-163, 1877.
- _____. **Instruções a C. Winer pelo Dr. Ladislau Netto**. Arquivos do Museu Nacional, (1). p.2, 1876.
- _____. **Investigações sobre a Arqueologia Brasileira**. Arquivos do Museu Nacional, (6). p.257-553, 1885.
- NEVES, Walter A e ATUI, João Paulo V. **O mito da homogeneidade biológica na população paleoíndia de Lagoa Santa: implicações antropológicas**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2004, V. 47 n.º 1.
- RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira: As culturas não-europeias**. 1 Vol. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do estudante brasileiro, 1961.
- RUBIM, Chistina de Rezende. **Antropólogos Brasileiros e a Antropologia no Brasil: A era da Pós Graduação**. Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH / Unicamp, 1996.
- SAGAN, Carl. **O romance da ciência**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O Espectáculo da Miscigenação.** In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). *A Recepção do Darwinismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 165-180.

_____. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a Ciência: A formação da comunidade científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Março, 2001. Disponível em: < <http://www.Schwartzman.org.br/simon/portuguese.html>>. Acesso em: 05 de out. 2003.

TAX, Sol. **Panorama da Antropologia.**[S.D.T.]. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

TOCANTINS, Antonio Manoel Gonçalves. **Relíquias de uma Grande Tribo Extinta.** RIHGB, (39). p. 51-64. 1876.

_____. **Estudos sobre a tribo Munducuru.** RIHGB, (40). p. 10-161, 1877.

VELASCO, Honório. RADA, Ángel Diaz de. **La lógica de la investigación etnográfica: Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela.** Espanha/Madrid: Editorial Trotta, 1997.

ZALUAR, ALBA. **América Redescoberta: O Civilizado Cientista e seus outros.** In: Augusto Emílio Zaluar. **O Doutor Benignus.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. pp. 371-376.

ZALUAR, Augusto Emílio. **O Doutor Benignus.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.